



10º Congresso de Pós-Graduação

COMO O ESTUDO DO MEIO É ENTENDIDO PELAS AGÊNCIAS E ESCOLAS QUE USAM ESSA METODOLOGIA DE ENSINO

Autor(es)

ANDRÉ BENATTI DE ANDRADE

Orientador(es)

NELSON CARVALHO MARCELLINO

1. Introdução

Essa pesquisa traz algumas informações referentes ao estudo do meio (igual a EM), objeto do estudo, que mostram a sua importância. O assunto a ser abordado, é de grande importância, pois vem crescendo muito e hoje faz parte dos programas de muitas escolas de Campinas e região, foco da pesquisa. Escolas particulares e estaduais, têm procurado atividades extra classe, em busca do desenvolvimento contextualizado de seu aluno. Percebe-se que muitos roteiros de estudo do meio são criados a partir de lugares que possuem estrutura semelhante ou igual aquelas que os alunos vêm em sala de aula, lugares que propõem para os alunos o mesmo conteúdo visto na escola, porém, de forma prática. Após uma pesquisa bibliográfica e de campo, verificamos com a união das informações, coerências e incoerências quanto ao Estudo do Meio. Podemos perceber que o aspecto crescimento dessa metodologia de ensino, trouxe um possível distanciamento das possibilidades originalmente pensadas para essa forma de ensinar/aprender. Em 1981, Pannutti abordava o assunto, caracterizando o estudo do meio como um estudo que: leva sempre a uma descoberta, que faz com que o educando se conheça e aprofunde seu conhecimento sobre a realidade circundante, demonstrando a importância na participação do aluno quanto a realidade e ao conhecimento que o mesmo irá aprofundar nesse tempo e nessa atitude de estudo. Já Oliveira (2006, p. 36), verifica que escolas (não restringindo a escolas particulares, mas também escolas públicas) estão direcionando os estudos do meio a pacotes fechados de atividades, administradas pelo departamento de marketing da escola. O mesmo autor (2006, p. 36) afirma ainda que: Qualquer instituição de porte empresarial e campeã na aprovação de estudantes dentro dos mais concorridos vestibulares possui uma rede de fornecedores de serviços de viagem. Nunca foi tão elevada a quantidade de agências, além de transportadoras e empresas de lazer, prestando serviços para escolas de alto padrão. Isso nos remete ao entendimento que os objetivos educacionais pensados, refletidos e vivenciados pela escola anteriormente como conceitualmente é proposto por PANUTI, estão sendo cada vez mais deturpados por escolas e agências, alterando os objetivos do estudo do meio, mesmo que inconsciente.

2. Objetivos

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada com o objetivo de conhecer melhor o que é entendido pelos profissionais de atendimento direto, tanto das escolas, como das agências que trabalham com essa metodologia de ensino. Abordamos algumas questões que trazem respostas sobre esse entendimento, e que nos ajudam a identificar alguns relevantes interesses quanto à vivência no estudo do meio.

3. Desenvolvimento

Baseado na dissertação do mestrado, na qual analisamos dez categorias que relacionam as interpretações dadas pelos professores, coordenadores, animadores socioculturais e gestores de agências de estudo do meio, escolhemos uma dessas para relacionar e buscar uma reflexão quanto a essa metodologia de ensino. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética, da UNIMEP, obtendo o

protocolo 90/11 em Piracicaba, SP, 28 de fevereiro de 2012. Escolhemos a primeira categoria de análise para verificarmos algumas questões. Essa categoria é relacionada ao significado de EM, pois o seu entendimento é fundamental para o desenvolvimento dessa metodologia no dia-a-dia da escola. Tivemos onze respostas diferentes entre as escolas e dez diferentes nas agências. Dos trinta e dois professores que participaram, sete deles fizeram uma relação de auxílio entre a vivência prática e o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o EM é valorizado e observado como apoio ao ensino e não como metodologia de ensino. Ainda nessa perspectiva quanto a ser ou não uma metodologia de ensino, dezenove animadores e dois gestores de agências, entendem o EM como metodologia de ensino, interpretando como possibilidades de complementar, vivenciar e/ou aprimorar os conteúdos vistos em sala de aula. Gráfico 1 - A interpretação dos pesquisados quanto ao EM ser ou não uma metodologia de ensino. Cinco professores e um gestor de agência entendem o EM como forma de aprendizagem fora da sala de aula e do espaço formal da escola. E nesse sentido, outros quatro professores e um animador, dizem que o EM pode ser, inclusive, realizado dentro da escola, caso se tenha uma opção de vivência dentro do espaço escolar, mas não excluem a possibilidade das atividades fora da escola. Esse animador enfatiza que o EM pode ocorrer até mesmo no bairro, sem necessidade de transporte contratado, retomando ao entendimento na perspectiva de um espaço fora do espaço formal, a sala de aula. Essas opiniões confrontam a necessidade do EM ter ou não a necessidade em ocorrer fora da escola, em viagens de um ou mais dias, o que nos remete a entender que o espaço escolar também pode ter uma possibilidade grande para o EM, como exemplo uma área verde, um grande formigueiro, entre outros espaços que podem trazer conteúdos desenvolvidos em sala de aula, como vivência de um EM dentro da própria escola. O que nos remete as características da educação não-formal, no caso do EM, quando se trata de espaços em que as atividades sejam desenvolvidas de forma organizada e com objetivo definido, fora do contexto formal, a sala de aula (VIEIRA, BIANCONI E DIAS, 2005, p. 21). Ou seja, até mesmo o espaço escolar, pode ser um espaço para o EM, caso o mesmo tenha possibilidades extra-classe de ensino. Dentre outras respostas, um animador também relacionou o EM como atividade de educação não-formal, complementando a educação formal, usando o termo parceria, destacando que uma situação não exclui a outra. Um professor deu ênfase à vivência com espontaneidade que existe no EM, que também pode ser interpretado como as incertezas da vivência do campo, entendendo campo como espaço de aprendizado onde ocorre o EM. (OLIVEIRA, 2006, p. 46). Outros nove professores e três animadores fazem referência ao ambiente em que vivemos, relacionando o EM como possibilidade de contato com a natureza e a compreensão de diferentes conteúdos nesses espaços.

Por último, um professor acredita que o EM é um passeio educativo, que amplia conceitos em espaços diferentes. Essa resposta traz uma reflexão acerca do entendimento do EM como alternativa de lazer. Assim interpretaríamos o mesmo, como: educação pelo lazer; (CAMARGO, 1998) situação essa que seria muito interessante, inclusive abrangendo os estudos do lazer, na qual minimizaria a banalização das atividades de lazer, que tem o entendimento do lazer como o brincar pelo brincar, jogar pelo jogar e o nada fazer como algo negativo. Seria redundante interpretarmos o lazer (passeio) chamado de educativo, já que o seu conteúdo (conteúdos culturais do lazer) pode ser altamente educativo e abre possibilidades pedagógicas durante a sua vivência, apoiado no componente lúdico da cultura (MARCELLINO, 1989, p. 35). Dois animadores afirmam que o EM é a forma mais assertiva de educação, onde o confronto entre as informações recebidas pelo educador com o local visitado gera o conhecimento. Ainda sobre o entendimento do conceito de EM, surgiram diversas nomenclaturas relacionadas a essa prática. Entre as escolas, treze professores e um coordenador acreditam que a expressão EM está de acordo com os propósitos atendidos. Com essa opinião também se encontram seis animadores. Seis professores e doze animadores desconhecem outra nomenclatura. Outros doze professores e um coordenador consideram outras possibilidades, como: ecologia no dia a dia, excursão didática, estudo da realidade, estudo de campo, estudo de caso, pesquisa de campo, estudo do espaço humanizado e natural, natureza feliz, estudo cultural e aprendizado divertido. Além dessas possibilidades, um professor acredita que cada atividade poderia ter um nome específico, sendo este ligado ao objetivo daquele estudo. Treze diferentes nomenclaturas foram sugeridas pelos outros doze animadores, e três gestores de agências como: viagens pedagógicas, expedições educacionais, vivenciar, turismo pedagógico, turismo cultural, aula in loco, saídas de campo, trabalho de campo, excursão, saída pedagógica, estudo de campo, pesquisa do meio e estudo pedagógico. Um animador faz uma crítica quanto à nomenclatura excursão, dizendo que a mesma parece ser algo sem cunho pedagógico e mencionou duas outras nomenclaturas já citadas acima. Somando todas as possibilidades descritas, temos vinte e três nomenclaturas diferentes, o que demonstra a necessidade de aprimoramento e entendimento quanto a essa metodologia de ensino, com a especificação de seu conceito e significado.

4. Resultado e Discussão

Com as informações adquiridas nas duas pesquisas, de campo e bibliográfica, podemos tomar como base três respostas. A primeira faz referência ao entendimento da nomenclatura Estudo do Meio, na qual ainda tem diversas outras possibilidades, dadas pelos professores e animadores. Outra questão, é o real entendimento do EM como metodologia de ensino, na qual se organiza com início, meio e fim, tendo na mesma seu fim, sendo assim, considerado produto e processo nas questões de ensino aprendizagem. Como última vertente de discussão, observa-se que o EM tem características de vivência no meio, o que não obriga o mesmo a ser fora da escola, mas sim do espaço de educação formal, caracterizando-o como educação não formal. Essas três interpretações se completam, na perspectiva de uma possibilidade de educação não formal em construção ou quem sabe em reconstrução conceitual, na qual ainda é necessário muito aperfeiçoamento.

5. Considerações Finais

Assim, podemos concluir que o EM é uma atividade extraclasse, que pode ser desenvolvida em qualquer ambiente, inclusive dentro do espaço escolar, porém fora da sala de aula, pela escola, pela família, no convívio social, pela igreja, dentro dos princípios de educação não formal, educação informal e/ou o de lazer, contemplando o duplo aspecto educativo, tendo como diferencial a obrigatoriedade ou não obrigatoriedade, como característica o planejamento, a vivência e a recordação com participação dos sujeitos e com intenção pedagógica e o lúdico como possibilidade efetiva no entendimento para o aprendizado. Essas considerações nos ajudam a refletir sobre as possibilidades de estudo sobre o tema, demonstrando a dificuldade no seu entendimento e no seu desenvolvimento como metodologia de ensino.

Referências Bibliográficas

CAMARGO, L. O. de L. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998

MARCELLINO, N. C. Pedagogia da Animação, 7ª edição. Campinas, SP. Papirus, 1989

OLIVEIRA, C. D. M. Do Estudo do Meio ao turismo Geoeducativo: Renovando as práticas pedagógicas em geografia. Goiânia: Boletim Goiano de Geografia, v. 26, n.1, jan./jun. 2006

PANNUTTI, M. R. V. (coord.). Estudos Sociais: uma proposta para o professor. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981

VIEIRA V., BIANCONI, M. L. DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. Cienc. Cult. Vol 57 no04. São Paulo. Oct./Dec. 2005

Anexos

